



XXII ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO

ALFABETIZAÇÃO DISCURSIVA NO COTIDIANO ESCOLAR

Glaucia Guimarães da Silva

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro/Brasil

Renata Pereira Chrispino

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro/Brasil

Maria Letícia Cautela de Almeida Machado

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro/Brasil

RESUMO

Esta pesquisa é um Estudo de Caso realizado no Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira – CAP UERJ, que tem por objetivo discutir estratégias pedagógicas de alfabetização que, ao considerarem os diferentes sujeitos que constituem as escolas brasileiras, efetivamente contribuam para a formação de leitores e escritores. Nove entrevistas foram realizadas com docentes do 1º ao 3º ano do Ensino Fundamental I. O referencial teórico deste trabalho está apoiado na perspectiva discursiva de alfabetização, representada por autores como Smolka (1993), Geraldi (2013) e Goulart (2020). Os resultados observados evidenciaram que as práticas alfabetizadoras empreendidas no CAP UERJ versam pela abordagem da linguagem em contextos reais de comunicação, que partem da diversidade dos gêneros discursivos, valorizando a subjetividade dos estudantes, que são vistos como sujeitos cognoscentes em papel ativo de pesquisadores frente ao trabalho desenvolvido em forma de projetos. Além disso, a inclusão de práticas pedagógicas que valorizam a diversidade cognitiva, cultural e social dos estudantes foi outro destaque do estudo. Assim, os professores adaptam os projetos pedagógicos conforme as necessidades e interesses específicos de suas turmas, criando um ambiente de aprendizagem mais inclusivo e significativo. Verificou-se que isso somente é possível devido à autonomia docente, ao incentivo pela formação continuada e à garantia do tempo de planejamento, que se dá a partir da bidocência. Conclui-se que a abordagem discursiva de alfabetização possibilita atender a diversidade dos sujeitos que compõem as salas de aula, bem como seus processos individuais de aprendizagem.

Palavras-chave: Alfabetização, Prática Pedagógica, Cotidiano Escolar.

INTRODUÇÃO

A alfabetização, vista sob uma perspectiva discursiva, transcende a mera decodificação mecânica da linguagem. Trata-se de um processo profundo e contextualizado, que valoriza a interação com o meio social e a construção coletiva de significados. Nesta abordagem, a aprendizagem do sistema linguístico é apenas um componente dentro de um conjunto mais amplo que inclui a compreensão e a produção de textos em contextos sociais específicos, promovendo uma reflexão crítica e a participação ativa dos estudantes, que elaboram significados e constroem conhecimento coletivamente (Smolka, 1993).

Goulart (2020) explica que é no interior e a partir de práticas efetivas de produção de textos que deve ocorrer a análise linguística em sala de aula. Geraldi (2013) complementa que:



XXII ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA

Se entendermos a linguagem como mero código, e a compreensão como decodificação mecânica, a reflexão pode ser dispensada; se a entendermos como uma sistematização aberta de recursos expressivos cuja concretude significativa se dá na solidariedade dos acontecimentos interativos, a compreensão já não é mera decodificação e a reflexão sobre os próprios recursos utilizados é uma constante em cada processo (GERALDI, 2013, p. 18)

Assim, o uso e a compreensão da linguagem são influenciados pela interação dinâmica entre o texto, o leitor e o contexto sociocultural em que a leitura ocorre (Geraldi, 2013).

É nessa perspectiva que esta pesquisa se apoia, tendo como base autores como Smolka (1993), Geraldi (2013) e Goulart (2020), que enfatizam a importância da linguagem e da interação social nos processos de alfabetização. O estudo foi conduzido para verificar como essa concepção teórica é aplicada na prática pedagógica, promovendo uma educação mais democrática e efetiva. Portanto, se justificativa pela necessidade de se repensar algumas práticas educativas, de modo a engajar todos os estudantes nos processos de aprendizagem, respeitando a diversidade cultural e social presente nas escolas brasileiras. Assim, tem por objetivo discutir estratégias pedagógicas de alfabetização que, ao considerarem a heterogeneidade dos estudantes, efetivamente contribuam para a formação de leitores e escritores. Para tanto, desenvolveu-se um Estudo de Caso no Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira - CAp UERJ. A investigação se insere numa pesquisa mais ampla intitulada *Políticas e Práticas Curriculares de Alfabetização: É possível contemplar os sujeitos diversos e seus modos individuais de aprender?*, desenvolvida pelo Núcleo de Estudos e Ensino em Linguagens, Alfabetização e Letramento (NEELAL), do Programa de Pós-Graduação em Educação (PROPED) da Faculdade de Educação da UERJ.

A partir das entrevistas e da análise do material, verificou-se que o CAp investe numa abordagem da linguagem em contextos reais de comunicação, que partem da diversidade dos gêneros discursivos, valorizando a subjetividade dos estudantes, que são vistos como sujeitos cognoscentes em papel ativo de pesquisadores frente ao trabalho desenvolvido em forma de projetos. Os resultados indicam que a alfabetização discursiva pode transformar a experiência educativa, tornando-a mais inclusiva e significativa para os estudantes. Conclui-se que ao valorizar a interação social e a reflexão crítica, as práticas pedagógicas podem contribuir para a formação de cidadãos mais conscientes e participativos.

METODOLOGIA

Utilizou-se como metodologia um Estudo de Caso, realizado no Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira - CAp UERJ, no período de maio a junho de 2024, a partir de

entrevistas com nove professores do Ensino 3º ano do Ensino Fundamental I, bem como da observação de atividades didáticas e produções de leitura e escrita realizadas pelos estudantes. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEPs) em 18.04.2024, pelo parecer nº 6.772.927.

Segundo Gil (2008), o estudo de caso é determinado pela pesquisa profunda e árdua de um ou de poucos objetos, de maneira a permitir o seu conhecimento vasto e minucioso. O autor esclarece que tal metodologia vem sendo usada por pesquisadores sociais para estudos com diferentes propósitos, como: apresentar a realidade do contexto que está sendo estudado.

No CAp, as entrevistas englobaram oito aspectos, a saber: Identificação, formação e atuação profissional; Currículo e políticas públicas; Rotina escolar; Concepção de alfabetização; Prática alfabetizadora e recursos pedagógicos; Avaliação, acompanhamento e planejamento; Encaminhamentos; Formação continuada. As entrevistas foram aplicadas nas salas de aula das professoras, pelas autoras em conjunto com outras integrantes do NEELAL, na qual uma ficou responsável por realizar a entrevista, duas por sua gravação e registro fotográfico das atividades e do ambiente escolar, além de mais quatro assumirem a transcrição e sua conferência.

Para essa pesquisa, em virtude do limite de tamanho do trabalho, fez-se um recorte e deu-se ênfase ao aspecto *Prática alfabetizadora e recursos pedagógicos*, a fim de atender ao objetivo traçado. Sendo assim, a questão que se coloca para esse recorte do estudo é se as estratégias de ensino empreendidas nessa escola promovem o desenvolvimento da linguagem, de modo a contribuir para a formação de leitores e produtores de textos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao analisar as respostas das professoras do CAp à seção da entrevista que indagava sobre suas Práticas alfabetizadoras e os recursos pedagógicos empreendidos, foi possível verificar que todas utilizam uma abordagem da linguagem em contextos reais de comunicação, que partem da diversidade dos gêneros discursivos, valorizando a subjetividade dos estudantes, que são vistos como sujeitos cognoscentes em papel ativo de pesquisadores frente ao trabalho desenvolvido em forma de projetos. A análise das atividades e produções de leitura e escrita, empreendidas nas turmas de alfabetização investigadas, também mostra que se trata de uma abordagem didática que valoriza a diversidade cognitiva, cultural e social dos estudantes. Abaixo são apresentados alguns exemplos de respostas que evidenciam tal afirmação.

A professora B.1.¹, ao ser indagada se havia algum projeto ou iniciativa específica

voltada para a formação de leitores, respondeu que: *“Esse é o trabalho da escolaridade como um todo. A gente tem uma prática que se repete em todos os anos de escolaridade, que tem muito a ver com esse trabalho de projetos, que são as rodas [...] a criança no centro mesmo, comandado por ela e com ela. Tem Roda de Conversa, Roda Científica e a Roda Literária. Tem as idas à biblioteca, o Evento Café Literário, o Clube de Leitura, para a formação de leitores [...]”*. Quanto à frequência com que realizam atividades de produção de textos com sua turma, B.1. esclareceu que: *“Todos os dias. Tudo que ele está produzindo é texto [...]”*.

Já a professora J.3., ao ser interpelada se tinha liberdade para formular e desenvolver com a turma projetos ou práticas alfabetizadoras individualmente ou se eram os mesmos para toda a turma, explicou que: *“São os mesmos para todas as turmas, mas eu tenho liberdade para usar o que a minha turma se interessa mais, por exemplo ‘Os obcecados pelo tamanduá’, uma criança falou assim: – Tenho um problema! Fiz uma pesquisa em casa sobre tamanduá e descobri que tamanduá bandeira se chama urso formigueiro. Tamanduá é um urso, J.3? Eu falei: – Não sei! Vamos pesquisar. Então a partir da pergunta, que uma criança trouxe, outra criança começa a pensar, a gente começa a pensar junto. Nós descobrimos um instituto do tamanduá e descobrimos que o urso formigueiro é só um apelido E aí eles começaram a fazer outras perguntas. Enfim, está dentro do projeto Mata Atlântica, mas como o interesse dessa turma, como é um interesse específico, a gente tem a liberdade de fazer um trabalho específico”*.

Quanto ao material que utiliza especificamente para o ensino da produção de textos, J.3. afirmou que *“a primeira estratégia que eu uso pro ensino da produção de texto é a estratégia da reescrita. Eu conto histórias todos os dias para os estudantes. A atenção sustentada, prolongamento do tempo de atenção, esse é um ponto. Outro ponto, mapa de ideias, para posicionar esses alunos na ordem dos fatos, Se eu dou uma folha em branco para uma criança que pode ser plenamente alfabetizada, mas se eu dou uma folha e um tema, ele não tem repertório, eu preciso construir uma estrutura para essa criança ir avançando no processo de argumentação dela. A proposta é desenvolver uma estrutura, que pode ser palavra, pode ser texto, pode ser dica, pode ser faz uma fofquinha com o seu colega agora para lembrar os pontos principais da história, faz um cochicho. Qual dica você daria para o seu colega para ele melhorar o parágrafo tal. Então a partir do diálogo [...]”*.

Tais respostas, em conjunto com as atividades observadas no CAp, assinalam uma perspectiva discursiva de alfabetização, contextualmente vivenciada, que respeita e valoriza a subjetividade dos estudantes, bem como seus processos de aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

¹ Optou-se por identificar as entrevistadas com a letra inicial de seu nome em maiúscula, seguida do número correspondente ao ano escolar em que atua. As respostas das professoras estão entre aspas, itálico, fonte 10.



XXII ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS EM ALFABETIZAÇÃO LITERÁRIA O estudo realizado possibilitou a aproximação com práticas alfabetizadoras contextualizadas e a observação de seus impactos na constituição dos estudantes enquanto leitores e produtores de textos – sujeitos que pesquisam, leem, refletem e produzem conhecimento. Tal experiência forneceu insights valiosos sobre como a interação social e a reflexão crítica são fundamentais para a alfabetização, dialogando com as ideias de Geraldi (2013) e Smolka (1993).

A inclusão de práticas pedagógicas que valorizam a diversidade cultural e social dos estudantes é um dos destaques do estudo. Os professores têm a liberdade de adaptar seus projetos conforme as necessidades e interesses específicos de suas turmas, criando um ambiente de aprendizagem mais inclusivo e significativo. Isso é exemplificado pelo projeto "Mata Atlântica", do 3º ano, em que as turmas exploram temas ecológicos relevantes, mas cada uma pode focar em aspectos diferentes, dependendo de seus interesses particulares.

Um exemplo disso foi o projeto "*Os obcecados pelo tamanduá*", que surgiu do interesse pessoal de uma criança. Este projeto não apenas engajou os estudantes, como também os incentivou a participar ativamente da construção do conhecimento. A professora J.3. reiterou em sua entrevista o entendimento da necessidade do acolhimento da demanda e das necessidades de cada criança, explicitando que todo o processo, no trabalho com projetos, é emanado pelo envolvimento, interesse e protagonismo dos estudantes. A dialogicidade também ficou evidente na fala da professora B.1., ao dizer que "*o estudante propõe, arrisca, discute, analisa, registra, sobre a linguagem, dentro de um contexto significativo de aprendizagem*".

Verificou-se que isso somente é possível devido à autonomia docente, ao incentivo pela formação continuada e à garantia do tempo de planejamento, que se dá a partir da bidocência. Conclui-se que a abordagem discursiva de alfabetização não apenas pode promover a formação de leitores e escritores, como também possibilita uma educação mais democrática e aberta à pluralidade cultural e social que caracteriza as escolas brasileiras.

REFERÊNCIAS

- GERALDI, J.W. **Portos de Passagem**. 5ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. atual. São Paulo: Atlas, 2008.
- GOULART, C.M.A. **A produção de textos escritos na alfabetização**: "era uma vez os sete cabritinhos". Niterói/RJ: EDUFF, 2020.
- SMOLKA, A. L. B. **A criança na fase inicial da escrita: a alfabetização como processo discursivo**. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Editora da Universidade de Campinas, 6. ed., 1993.